Prof. J. N. Ferreira Dias Junior

Saudação*

Passou meio século sobre a fundação do Instituto Superior Técnico. Não pertenci aos primeiros cursos que o frequentaram e já não ouvi as aulas dadas em francês por alguns professores estrangeiros, enquanto não aprendiam a nossa língua em termos de se fazerem entender.

Matriculei-me em 1918, mais ainda senti o quadro das primeiras horas. Andei pelos bancos dos velhos edifícios do Conde Barão; ainda tive como director o Prof. Bensaúde, inspirador da criação do Instituo; ainda tive Tomás Bordalo Pinheiro como professor de Desenho; ainda obedeci à figura patriarcal do Tavares, chefe do pessoal menor. E ao dizer que obedeci, faço-o sem afectação, com a mais perfeita humildade; hoje, certa mocidade da vanguarda acha impróprio obedecer a alguém.

Vi ainda, sobre o pano de fundo dos barracões de chapa ondulada, coisas que já não se podem tornar a ver: a gravata branca do Prof. Mira Fernandes, a barba mefistofélica do Prof. Lepierre, a farda do general Ferrugento Gonçalves. Ouvi ainda, nas velhas aulas desconfortáveis, sons que já não se podem ouvir: o português afrancesado do Prof. Fresch, as palavras em surdina, macias como um zéfiro, do Prof. Santos Viegas, a voz de clarim do severo mas gentil Prof. Borges Sequeira, que dava notas negativas e concedia aos alunos, depois da leitura do ponto de exame, "um quarto de hora para adoecerem".

E recordo algumas das tropelias que fiz: misturava batatas com os modelos de cristalografia (os "batatoides") nas aulas práticas de Mineralogia; dava saltos de barreira sobre a mesa do mestre, na aula onde ensinavam os Prof. Droz e Adrião Sequeira, aos quais peço desculpa do desacato; de parceria com o Mariz Simões, algumas vezes resolvi pontos de exame de Electricidade a troco de paus de chocolate(1).

Mas este comércio e estes cometimentos desportivos, talvez irregulares, fazíamo-los, eu e os do meu tempo, com a irreverência que a idade pede e desculpa; mas fazíamo-los com o coração puro, sem aceitarmos tráfego com ideias de desrespeito às autoridades, à escola ou à Nação. Eram princípios que não discutíamos; éramos apenas rapazes que brincavam — e que também estudavam.

❑

O Instituto Superior Técnico nasceu numa hora oportuna, porque tem sido, através dos seus diplomados, um elemento de primeira linha do desenvolvimento económico nacional.

Quando, à volta de 1930, a frequência de alguns cursos caiu a números dígitos, porque as actividades portuguesas não absorviam todos os diplomados, muitos responsáveis acharam que a escola tinha especializações a mais para o nível do País, e poucos reflectiram que era o País que tinha desenvolvimento a menos para as necessidades da época.

Afinal, venceram estes; está à vista a prova de que seguiam no bom caminho. Mais do que isso, verifica-se que, se a escola não cumpre, é apenas porque fornece ao País diplomados a menos.

A carência de técnicos para satisfazer as necessidades crescentes da Metrópole e Ultramar cria já hoje numerosas dificuldades; dentro de algum tempo criará impossibilidades. Este é o problema mais grave que a premência do crescimento nacional põe à reflexão das escolas de todos os graus e de todos os ramos; é preciso que elas encontrem maneira de intensificar a formação das novas gerações e de permitir mais largamente o acesso ao ensino superior de todos aqueles que nos graus mais baixos se revelem prometedores.

Com ressalva da sua parcela de responsabilidade nesta rarefacção de profissionais, o Instituto Superior Técnico merece — e com ele todas as escolas — o reconhecimento nacional pelo saber que difunde. O empirismo e o autodidactismo estão em decadência; cada vez é mais importante o papel do ensino na formação dos dirigentes; cada vez são precisos mais dirigentes em cada actividade; cada vez é preciso criar mais actividades.

É-me grato reconhecer à minha escola a posição de órgão-chave nesta progressão rapidamente crescente.

(*in* «***Técnica***», **nº 325, 1963, p. 299-300**). E

---

* **Destinava-se esta "Saudação" à abertura do novo número especial comemorativo do cinquentenário do Instituto Superior Técnico. Devido às perturbações então havidas na vida associativa, tal edição não foi possível, nem seria, de momento, oportuna.**

(1) Depois de escritas estas palavras, morreu o Prof. Droz, curvo-me perante a sua memória.

Renove a sua Assinatura Anual por 6000$00

ELECTRICIDADE

para Engenheiros Electrotécnicos de Língua Portuguesa

Uma Revista em constante renovação